

O inusitado na prosa de José Ewerton Neto

José Neres¹

INTRODUÇÃO

Segundo os dicionários, inusitado é algo “estranho, raro, incomum” (SCOTTINI, 2009, p. 319), ou ainda “não usado, desconhecido, esquisito, novo, insólito” (BUENO, 1992, p. 614). A literatura, que trabalha diretamente com a (re)criação de universos, pode “tomar da natureza o objeto e fantasiá-lo”, conforme observa Tavares (1996, p. 31). Distanciando-se, em alguns momentos, das convenções tradicionais das letras, o escritor não se vê mais na obrigação de reproduzir realidades, podendo utilizar todos os tipos de situações como fonte de inspiração para suas produções artísticas, desde as mais usuais até as mais inusitadas.

É nessa perspectiva dessa re(criação) de um universo às vezes similar ao que conhecemos, mas como o acréscimo de elementos que fujam às expectativas cotidianas que nos propomos a estudar a obra ficcional do escritor maranhense José Ewerton Neto, autor de diversos livros nos quais quase

1 Professor, pesquisador e Membro da Academia Maranhense de Letras.

sempre é possível encontrar situações incomuns e que se encaixam na descrição acima feita de modo geral por Scottini (2009) e Bueno (1992), principalmente nas acepções que remetem ao insólito e ao incomum.

Este breve estudo está dividido em três partes interligadas entre si pelo objeto de estudo – a obra de José Ewerton Neto – e pela temática que norteará a discussão – os elementos inusitados que aparecem nas obras ficcionais desse prosador. No primeiro momento, apresentaremos o autor com brevíssimas incursões nos aspectos principais de sua vida e de sua produção artística. A seguir, serão feitos alguns comentários teóricos acerca da presença do inusitado na literatura. Finalmente, será visto com os elementos inusitados aparecem na obra desse escritor.

JOSÉ EWERTON NETO

Engenheiro metalúrgico por formação e escritor por vocação, José Ewerton Neto, construiu em paralelo uma vida voltada para a exatidão dos números e dos projetos e outra na qual a imaginação ganhou asas e construiu alguns universos paralelos onde tudo pode ser possível.

Nascido no município maranhense de Guimarães, em 04 de abril de 1953, conforme aparece no site oficial da Academia Maranhense de Letras, instituição na qual ocupa a cadeira número 11, o escritor é filho do casal Juvenil Amorim Ewerton e Teresa de Jesus Martins Ewerton e desde cedo começou a se interessar pelo mundo da leitura, conforme relatou para o jornalista Daniel Matos

A paixão de José Ewerton pela literatura também nasceu ainda na infância, durante as temporadas de férias que passava na casa da tia Rosa Ewerton, então diretora do Liceu Maranhense, que tinha uma vasta biblioteca. “O primeiro livro que li foi *A Marca do Zorro*. Daí em diante, a paixão pela literatura fluiu de tal forma que não me contentei em ser um mero espectador. Procurei também criar minhas próprias histórias. (MATOS, 1996, p. 8).

Desse desejo nasceu um escritor que começou a publicar seus trabalhos em 1978, na antologia *Esperando a Missa do Galo*, organizada pelo escritor José Nascimento Moraes. A partir daí, começaram a vir à luz as publicações individuais e as premiações em concursos literários. Eclético, o escritor publicou poesia (*Estátuas da Noite*, 1979; *Cidade Aritmética*, 1995), romances/novelas (*O Prazer de Matar*, 1993; *A ânsia do Prazer*, 1994; *O Menino que Via o Além*, 1996; e *O Infinito em Minhas Mãos*, 2009), contos (*A Morte dos Mamonas Assassinas e Outros Contos*, 1998; *Ei, Você Conhece Alexander Guarcy?*, 2007), e um livro que reúne um vocabulário de palavras maranhenses seguido de crônicas sobre o cotidiano da cidade (*ABC Bem-Humorado de São Luís*, 2013) e além de ter diversos outros textos premiados e publicados em coletâneas e de haver mantido durante anos uma crônica semanal no *Jornal O Estado do Maranhão*, em substituição ao poeta e cronista José Chagas.

Sobre as premiações recebidas pelo escritor vimarense ao longo de sua carreira literária, Matos (2004, p. 08) comenta que:

A incursão de José Ewerton Neto no campo da literatura sempre mostrou-se frutífera. Prova disso é que nada menos que cinco de suas seis obras já foram premiadas a nível local ou nacional. O policial *O Prazer de Matar* e a novela erótico-sentimental *A Ânsia do Prazer* serão reeditados em breve, sendo que o primeiro receberá o título de *O Ofício de Matar*.

Em um ambiente cultural em que a produção literária supera em muito o olhar crítico sobre as obras publicadas, pequena é a fortuna crítica referente à obra de Ewerton Neto. Mesmo assim, é possível pinçar em jornais e “orelhas” de livros algumas informações críticas a respeito da obra desse escritor. Alberico Carneiro (1996), por exemplo, considera que o escritor rompe com o trivial em sua obra poética. Moraes (1992), mesmo sem fazer comparações diretas, coloca o autor de *O Prazer de Matar* na mesma linhagem de bons prosadores maranhenses, ao lado de nomes como Aluísio Azevedo, Josué Montello, José Louzeiro, Rodrigues Marques, José Sarney, Nagib Jorge Neto, Ubiratan Teixeira, Ronaldo Costa Fernandes e Ariel Vieira de Moraes. José Chagas (1995) elogia o talento e a imaginação fértil de Ewerton Neto, e Antônio Torres (2009) comenta que há na obra desse prosador maranhense um desconcertante nível de tensão, com toques de absurdo e nonsense que lembram alguns momentos de Kafka e de Gogol.

Após aposentar-se como engenheiro, o escritor continuou investindo em sua formação acadêmica, fazendo pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura (pela Faculdade Atenas Maranhense) e Jornalismo Cultural (pela Universidade Federal do Maranhão, além de ter ativa atuação no cenário cultura da capital maranhense.

É a obra desse escritor bastante produtivo, mas ainda pouco estudado no mundo acadêmico que servirá de base para este estudo. A seguir, iremos verificar como aparecem essas cenas que podem ser consideradas inusitadas na obra ficcional de José Ewerton Neto.

TRAÇOS DO INUSITADO NAS LETRAS

Ao tentar conceituar o que é literatura, Tavares (1996) adverte para o fato de que a realidade expressa pelo mundo das artes muitas vezes entra em choque com aquilo que consideramos sensível ou racional. Essa concepção complementa a ideia de Todorov (1975) ao deixar claro que “a literatura passa por cima da distinção entre o real e o imaginário”, ou seja, que no processo de criação ficcional o escritor não tem obrigação de seguir os ditames das regras do mundo convencional e pode construir uma realidade paralela que nem sempre tem o mundo sensível como imagem totalmente especular.

Essa linha tênue entre a chamada ficção e a concepção usual de realidade permite ao escritor introduzir em suas obras elementos e situações que às vezes soam estranhas para o leitor pouco acostumado com o universo literário, causando-lhe estranheza e certa sensação de incômodo.

É o que acontece quando alguém lê pela primeira vez, sem uma preparação, os livros de Franz Kafka, Julio Cortázar, Alejo Carpentier, Murilo Rubião, Gabriel García Márquez e Laura Esquivel, entre outros. A sensação de que algo está fora daquilo que seria esperado como normal. O inusitado, ou insólito, pode desnortear o leitor, mas também pode levá-lo a

ver o mundo por um prisma diferente daquele com o qual está acostumado.

Embora a verossimilhança seja um dos traços da literariedade de uma obra de ficção, nem sempre há a necessidade de uma ligação direta entre o texto lido e a realidade circundante. O leitor deve, de alguma forma, estabelecer uma espécie de pacto de aceitação com a obra a ser lida para que a para-realidade criada pelo autor em sua obra

O INUSITADO NA PROSA DE JOSÉ EWERTON NETO

Em uma entrevista, quando foi perguntado sobre sua inspiração e sua relação com as temáticas inusitadas de sua obra, José Ewerton Neto respondeu da seguinte maneira:

Quanto ao inusitado, acho que surge espontaneamente como maneira de recriar a realidade (impossível evitar o clichê), revesti-la talvez, mas sem perdê-la de vista. Não sendo intencional não se trata, a meu ver, do formato do *realismo mágico*, onde o mágico se socorre da realidade, ao invés de a realidade se socorrer do mágico, o que é bem diferente.

Conforme podemos depreender da resposta dada, o escritor não pretende se filiar à linha do Realismo Mágico, demonstrando que prefere outras alternativas para a confecção de seus textos. No entanto, não esconde que prefere recriar a realidade a tentar reproduzi-la.

Hesse (2010) adverte que os escritores se investem de poderes demiúrgicos na produção de seus textos, podendo criar ou destruir personagens e cenários de acordo com sua

criatividade ou com sua vontade. Sendo uma espécie de deus, o escritor pode criar situações, personagens e enredos que nem sempre estarão de acordo com as normas vigentes no nosso mundo real.

Os romancistas, quando escrevem suas obras, costumam proceder como se fossem Deus e pudessem abranger com o olhar toda a história de uma vida humana, compreendendo-a e expondo-a com se o próprio Deus a relatasse, sem nenhum véu, revelando a cada instante sua essência mais íntima. (HESSE, 2010, p. 7)

Mesmo sem aderir a uma corrente específica, podemos notar que o autor de *O Menino que Via o Além*, deseja, em sua obra mostrar a “subversão da realidade conhecida”, fazendo com que o real faça “piruetas, desconhecendo os princípios lógicos que caracterizam o cotidiano das pessoas”, conforme assevera Goulart (1995, p. 26).

Essa subversão da realidade com introdução de elementos inusitados aparece já em *O Prazer de Matar*, o primeiro romance publicado pelo autor e depois rebatizado com o título de *O Ofício de Matar*². O enredo parece simples e dentro da normalidade cotidiana: um homem precisando de dinheiro coloca um discreto anúncio no jornal oferecendo seus serviços. Tudo estaria dentro das expectativas, se o serviço oferecido não fosse o de uma espécie de “suicidador” profissional. Suas intervenções, cada vez mais requisitadas, fazem com que ele tenha uma ascensão social, conforme ele mesmo explica, pois o romance é narrado em primeira pessoa:

2 Em 2015, o livro foi reeditado pela editora Escrituras com o título de *O Ofício de Matar Suicidas*.

A partir de então, de suicida em suicida, eu fui subindo os degraus da vida. Matei o terceiro, depois o quarto e o quinto, nunca a sangue-frio e sempre sem olhar para o rosto do infeliz (ou feliz?). Porque todos morriam felizes e eram pródigos em me pagar generosamente. Eu venci meu medo inicial, mas nunca o sentimento de culpa do qual me vinha a sensação de estar ganhando a vida à custa da infelicidade alheia, embora, na prática, os fatos não confirmassem esse sentimento. (EWERTON NETO, 1992, p. 27-28)

Além do inusitado da temática central do romance, as diversas personagens que se entrecruzam na trama narrativa também apresentam características que remetem à ideia do inusitado. Candido (2005, p. 67) deixa claro que as personagens de uma obra ficcional “obedecem a uma lei própria” e seguem “uma lógica preestabelecida pelo autor”. Seguindo essa diretriz, José Ewerton Neto apresenta personagens que oscilam entre o drama interno de um sofrimento que nem sempre será assimilado como natural pelo leitor e um humor com relação a suas angústias. Dessa forma, o tédio de um jovem senador, filho de outro senador, ocasionado pelo fato de não ter problemas, pois o pai resolve tudo para ele, pode parecer estranho para o leitor, que logicamente tem uma vida cercada de problemas. O mesmo ocorre quando alguém se depara com o drama de Apolo, um homem que se acha fisicamente tão perfeito ao ponto de desejar sexualmente a si mesmo. E assim, no decorrer da narrativa, o autor continua imiscuindo passagens inusitadas no livro, levando o leitor a entrar em contato com situações que nem sempre farão sentido se não houver um pacto de leitura.

Também narrado em primeira pessoa, o livro *A Ânsia do Prazer* traz a inusitada presença de um narrador que é “objeto sexual adquirido em uma loja pornô, narrando a sua própria odisseia pelo mundo íntimo das carências femininas”, conforme analisa Chagas (1995). O narrador, cuja origem aparentemente “envolve coisas de magia negra, física, ciência, ocultismo... diz que tem um mecanismo dentro dele que age por energia e faz a mulher gozar” (EWERTON NETO, 1995, p. 7-8), acaba transformando-se em pivô de diversos litígios e acaba protagonizando até mesmo incidentes internacional e tornando-se assunto de pesquisas e de reportagens.

No decorrer da narrativa, o inusitado protagonista-narrador conta detalhes sobre as mulheres que se envolveram com ele, com direito inclusive a uma espécie de diário no qual registra alguns dias que julga mais significativos em sua existência. No final, *G-Dimension* – como é nominado o aparelho/narrador – parece deixa uma mensagem sobre a relação entre o prazer e a integridade humana. Em uma reflexão, ele reconhece seu destino de objeto de prazer e comenta que:

O ser humano vulgar que tem saúde, físico completo, inteligência jamais se dá conta do bem preciosíssimo que possui e que é a vida total. Ora não pode haver vida total sem um corpo total. (...) A minha vida, então, era tentar acreditar e alimentar-me da esperança de que um ser humano, uma mulher, pudesse reconhecer que eu tinha algo especial, que não era somente um objeto sexual. (EWERTON NETO, 1955, p. 91).

Ou seja, aproveitando-se de algo que sai do convencional, o autor aproveita para mostrar que o ser humano é mais

que uma genitália e mais que os prazeres carnavais que pode oferecer a outrem. Dessa constatação de incompletitude, e da certeza de que será sempre apenas visto como uma parte, nasce a angústia existência de algo que foi produzido para ser objeto, mas que se humaniza ao longo da narrativa, fazendo contraste com as personagens humanas do livro, que se reificam e tratam a si mesmas e aos demais como meros objetos dentro de uma sociedade que valoriza partes e não o todo das pessoas.

Em *O Infinito em Minhas Mãos*, temos a história de Eunápio, um cidadão comum, sem graves pecados, mas que, por falhas no sistema de verificação pós-morte, acabou sendo condenado ao inferno. Rebatizado com o nome de Vacele, o novo demônio recebe diversas missões que devem ser executadas aqui na terra. Misturando ironicamente fatos e personalidades políticas e artísticas, José Ewerton Neto aproveita um hipotético cenário infernal, assim como fizeram, por exemplo, Gil Vicente e Jean Paul Sartre, para criticar a sociedade, a mídia e todos os principais âmbitos das relações humanas.

Usando com intensidade as ironias, o autor coloca no mesmo patamar de corrupção políticos, líderes religiosos, personalidades artísticas e o próprio demônio.

Além do inusitado temática, há algumas situações que chamam a atenção pela forma incomum, como é o caso da criação do Modernsex, “uma máquina para o prazer da mulher: dela brota a fabulosa porção capaz de mulheres terem prazer” (EVERTON NETO, 2009, 64). Após receber todas as instruções necessárias à instalação da máquina, o sucesso é imediato. Ao consumir o produto, as mulheres chegam ao

ápice do prazer. Muitas repetem a dose. Mas como se trata de uma invenção infernal, algum tempo depois aparecem os efeitos colaterais desses momentos de êxtase. Vacele é aviso do que está acontecendo com algumas consumidoras:

A mulher teve um filho, uns dez meses depois que começou a tomar o Modernsex de forma compulsiva. Imagine uma mulher feia e carente que nunca gozara e que, de repente, descobriu o prazer. O marido, lógico, bem que tentou corresponder.

- Que ótimo isso, não é mesmo?

- Seria ótimo sim, se o filho parecesse com o marido dela. Mas não, ele tem a cara do George Clooney. Eu vi. (EWERTON NETO, 2009, p. 114)

Os seja, as mulheres que consumiam o produto fantasiavam com homens bonitos e famosos e, ao engravidarem, a criança nascia parecida com o ídolo e não com o marido, o que logicamente traria muitos problemas e confusões para os lares. Essas e muitas outras situações inusitadas compõem esse romance que, apesar de ter um título e uma capa que lembram livro da autoajuda, está centrado em situações cotidianas e que traçam um paralelo com a situação política do Brasil, e do mundo, nas últimas décadas. Em José Ewerton Neto, o uso do inusitado não é gratuito, mas sim uma forma de expor críticas mordazes de forma bem humorada, aproveitando também para traçar perfis humanos e fazer pequenos mergulhos nas mazelas sociais.

Saindo um pouco dessa linha de denúncia social, mas sem deixar de lado a inquirição, o livro *O Menino que Via o Além*, que foi classificado como obra infanto-juvenil, se centra

nos questionamentos sobre o tempo e sobre a própria essência do ser humano. Embora grande parte do enredo seja marcado pela busca da criança que habita cada adulto, com clara abordagem filosófico-psicológica, em alguns momentos é possível perceber que o gosto do autor por cenas não convencionais aparece, principalmente na figura do menino, descrito como “um pivete que usava palavras de adulto” (EWERTON NETO, 1997) e que é responsável por grande parte das reflexões suscitadas pela obra, como, por exemplo, a seguinte:

Por que os adultos sempre acham que as crianças nada sabem? Ninguém sabe tudo, mas os anos que uma criança tem já são suficientes para terem aprendido muitas coisas, desde que não joguem fora o que aprenderam. O que adianta alguém viver cinquenta anos e desperdiçar o que a vida lhe ensina? Melhor cinco para quem aprende e guarda do que cinquenta para quem aprende e joga fora. Eu já tenho onze anos – falou com orgulho, como se onze anos fosse uma eternidade. (EWERTON NETO, 1997, p. 23)

Mesmo em razão do público alvo desse livro, as cenas, mesmo as mais inusitadas não rivalizam com as dos demais romances/novelas nem com os contos, que também quase sempre estão carregados de cenas que fogem à expectativa.

No livro *A Morte dos Mamonas Assassinas e Outros Contos*, José Ewerton Neto mergulha no campo psicológico das personagens, tentando encontrar em cada uma delas o cerne da própria existência. No conto que dá nome ao livro, a história se passa no seio de uma família extremamente pobre com um parente em estado terminal em um hospital público e é ambientada no fatídico dia do desaparecimento dos integran-

tes do grupo musical conhecido como Mamonas Assassinas. Aproveitando-se da confluência dessas duas situações, o autor faz seu narrador acompanhar uma adolescente dividida entre a obrigação de ir ao hospital e a necessidade de sofrer pela perda de seus ídolos. A bifurcação das suas angústias se dá na falta de emoção ao receber a notícia da morte do avô e na crise compulsiva de choro ao ter confirmada a morte do vocalista da banda.

Embora bem escrito e com um desfecho surpreendente, esse conto não traz os elementos que o levem à condição de inusitado, pois, de certa forma, o que o autor faz é levantar uma reflexão sobre o quão próximas de nós estão as celebridades e como nos afastamos dos próprios familiares. No entanto, no segundo conto do livro, Ewerton Neto volta a trazer à tona sua característica de imprimir situações inusitadas em suas narrativas.

O conto *Amai os Animais* começa com um repórter entrevistando um senhor que está detido em uma delegacia. Aos poucos, a causa da detenção vai sendo esclarecida para o leitor. O caso chama a atenção, “afinal de contas não é todo dia que uma mulher com oito filhos denuncia o marido à polícia por ciúme de uma porca” (EWERTON NETO, 1998, p. 21).

A partir desse fato incomum, o narrador, que é o próprio repórter, discute com seu editor e até mesmo com o leitor as questões de ética jornalística e de estilo na escrita de um texto informativo. De certa forma, ele mostra o lado animalesco que se esconde por trás da fachada de normalidade de cada pessoa. Em busca de mais detalhes, ele vai à casa da família ver *in loco* a porca que serviu de pivô para a contenda conju-

gal. Descobre a relação conflituosa entre marido e mulher. A zoofilia serve, no conto, apenas como ponto de partida para uma reflexão acerca das relações humanas, tanto familiares, quanto profissionais.

Em *Ei, Você Conhece Alexander Guaracy?*, o conto homônimo ao livro traz a história de um homem que de repente se vê confundido com um certo Alexander Guaracy. De tanto ser confundido e comparado, ele começa também a sentir vontade de conhecer seu sócia.

Mas o conto mais inusitado do livro é o terceiro, intitulado *Viagem tão Longa*, que traz uma interessante abordagem da relação familiar. Um filho vai, de motocicleta, buscar o pai no hospital. Durante o trajeto de volta para casa, o rapaz conversa com o pai e aproveita para desabafar sobre o tratamento recebido. O que parece ser algo comum, tem uma reviravolta nos parágrafos finais do texto

Minha mãe grita e chora, outras vozes histéricas tentam lhe fazer eco. Carrego-o com cuidado, pois dá a impressão que está dormindo. Grito de verdade pela primeira vez como desejei durante toda a viagem: “Mãe, aqui está o meu pai.” Ela responde gritando também: “Meu Deus!”. E chora.

Acho que entendeu. Eu dela me aproximo carregando-o como se carregasse o embrulho frágil de toda a minha existência ainda possível e digo: “Mãe, desculpe-me se puder, eu só queria fazer com ele sua última viagem. A última!” (EWERTON NETO, 2008, p. 89)

É visível relação dialógica, quanto ao tema e à mensagem, do conto com *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa. Mas no caso de *Viagem tão Longa*, o impacto vem da

constatação de que o pai já estava morto. Só então o momólogo do rapaz faz sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi visto, o escritor, embora tenha que seguir uma coerência interna do texto, pode sair do senso comum e criar um universo paralelo em que até mesmo o que parece absurdo no mundo dito como real faça sentido. Essa busca de verossimilhança pode não ser limitada pelos graus de aparente normalidade a que as pessoas estão submetidas. De alguma forma, o escritor se coloca na posição de um deus, com poderes de vida e de morte sobre suas personagens.

Foi partindo dessas considerações que estudamos a obra ficcional de José Ewerton Neto, premiado autor maranhense que, em sua obra costuma criar história que, quase sempre, fogem à expectativa mais imediata do leitor, impondo cenas e situações que podem ser vistas como inusitadas ou pelo menos fora do comum. Foram analisadas algumas passagens dos seguintes livros: *O Prazer de Matar*, *A Ânsia do Prazer*, *O Infinto em Minhas Mãos*, *O Menino que Via o Além*, *Ei, Você Conhece Alexander Guaracy* e *A Morte dos Mamonas Assassinas e Outros Contos*, mostrando em que cada um deles há momentos que fogem ao convencional, seja pela ambientação, seja pelo comportamento das personagens ou mesmo pela temática abordada.

A obra de José Ewerton Neto é ampla e oferece espaço para diversas outras abordagens, e este artigo é apenas um

estudo inicial que visa mostrar um aspecto dessa vasta produção literária ainda pouco estudada nos meios acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antônio, et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARNEIRO, Alberico. *A Poética de José Ewerton*. In: EWERTON NETO. *A Cidade Aritmética*. São Luís: FUNC, 1996. (Orelha)

CHAGAS, José. As Confissões de um Objeto Sexual. In: EWERTON NETO, José. *A Ânsia do Prazer*. São Luís: FUNC, 1995. (Orelha do livro).

EWERTON NETO, José. *A Ânsia do Prazer*. São Luís: FUNC, 1995.

_____. *O Prazer de Matar*. São Luís: SIOGE, 1992.

_____. *O Menino que Via o Além*. São Luís, FUNC, 1997.

_____. *Ei, Você conhece Alexander Guaracy?*

_____. *A Morte dos Mamonas Assassinas e Outros Contos*.

_____. *O Infinito em Minhas Mãos*. São Luís: SECMA, 2009.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

GOULART, Audemaro Taranto. *O Conto Fantástico de Murilo Rubião*. Belo Horizonte. Editora Lê, 1995.

HESSE, hermann. *Demian*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

MATOS, Daniel. *Engenheiro das Letras*. São Luís: O Estado do Maranhão, 18 de julho de 2004. Caderno Alternativo. p 08.